As referências aos autores gregos antigos, no corpo do texto, em nota final ou de rodapé, não sequeem as normas da ABNT: autor, ano e página. Ao contrário, são feitas pelas páginas e outras divisões internas das edições clássicas, universalmente usadas em todas as boas edições. Esse cuidado é fundamental para a localização das passagens em qualquer edição e língua.

Em 1578 foi impressa em Paris uma edição bilíngue das obras de Platão, preparada pelo tipógrafo e humanista francês Henri Estienne (ca. 1531-1598) ou Henricus Stephanus, seu nome em latim, então a língua dos sábios. Suas páginas foram divididas em duas colunas, com o texto grego à esquerda e a tradução latina à direita, e em parágrafos identificados pelas letras *a, b, c, d, e*. Embora superada do ponto de vista crítico, é às páginas e parágrafos dessa edição *in folio* (folha dobrada ao meio, formando cadernos com quatro páginas de 22cm x 32cm) que as edições e traduções modernas se remetem.

O conjunto das obras de Platão constitui o *Corpus Platonicum*, formado por 43 obras, das quais sete são consideradas inautênticas. As outras 36 obras foram divididas pelos estudiosos antigos em nove tetralogias, organizadas por assunto.

As passagens das obras de Platão são, pois, referidas pelas páginas e parágrafos da edição de Henri Estienne e, quando numa citação se menciona as linhas do texto grego, em geral a referência é a *Platonis Opera*, em cinco volumes, preparada pelo helenista John Burnet (1863-1928), publicada em Oxford, 1900-1907, com várias reimpressões, e considerada a edição-base. Assim, nas referências aos textos de Platão, o algarismo romano, logo após o nome da obra, indica um dos livros em que ela foi dividida pelos antigos; o primeiro número arábico e as letras *a, b, c, d, e* indicam as páginas e os parágrafos da edição de Henricus Stephanus, e os números seguintes indicam as linhas do texto. Ex.: *Rep.*, I, 352 d 6-7 (com espaço entre o número da página e a letra do parágrafo, seguido, se possível, do número da linha), lê-se *A República*, livro I, p. 352, parágrafo *d*, linhas 6 a 7; *Fédon*, 99 b-d, lê-se *Fédon*, p. 99, parágrafos *b* ao *d*; *Banquete*, 198 a 1-212 c 3, lê-se *Banquete*, p. 198, parágrafo *a*, linha 1 até p. 212, parágrafo *c*, linha 3; sempre das edições mencionadas acima.

As passagens das obras de Aristóteles são referidas pelas páginas e subdivisões de *Aristotelis Opera*, preparada por Immanuel Bekker (1785-1871), para a Academia de Ciências de Berlim, impressa em 1831-1870 – em duas colunas, sendo a da esquerda indicada pela

letra *a*, e a da direita, pela letra *b* – e reimpressa em 1960-1961, sob os cuidados de Olof Gigon (1912-1998). As edições mais recentes, com novos aparatos críticos, que melhoraram significativamente o texto de Bekker, e as traduções para qualquer língua, seguem a paginação e as colunas do texto de Bekker, considerada a edição *princeps*. É o que encontra-se, por exemplo, nas edições dos textos estabelecidos pelo escocês David Ross (1877-1971), pelo alemão Werner Jaeger (1888-1961), por William. L. Newman (1834-1923) ou pelo alemão Franz Susemihl (1826-1901), seguem a divisão interna da edição Bekker (1785-1871). Não servem para estudo as edições que não seguem essa forma de referência universal.

A letra grega, ou o algarismo romano, indica um dos livros em que cada obra foi dividida pelos antigos que organizaram o conjunto das obras de Aristóteles, conhecido como *Corpus Aristotelicum*; o primeiro algarismo arábico indica o capítulo, e o segundo, a página da edição Bekker; as letras *a* ou *b* se referem, em cada página, à coluna da esquerda ou da direita, respectivamente, e os números seguintes se referem às linhas do texto. Ex.: *Ét. Nic.*, Δ [ou IV], 1119 b 22-27, ou seja, *Ética a Nicômaco*, livro delta [ou IV], p. 1119, coluna *b*, linhas 22 a 27; *Política*, 1280 a 32-33, deve ser lida como *Política*, p. 1280, coluna *a*, linhas 32 a 33; *Metaf.*, A [ou I], 980 a 21-27, isto é, *Metafísica*, livro alfa, ou I, p. 980, coluna *a*, linhas 21 a 27.

Letras gregas correspondentes aos livros da *Política* de Aristóteles: A (álpha) = I, B (béta) = II, Γ (gáma) = III, Δ (délta) = IV, E (epsilón) = V, Z (dzéta) = VI, H (éta) = VII, Θ (théta) = VIII.

Letras gregas correspondentes aos livros da *Metafísica* de Aristóteles: A (álpha) = I, α (álfa minúsculo) = II, B (béta) = III, Γ (gáma) = IV, Δ (délta) = V, E (epsilón) = VI, Z (dzéta) = VII, H (éta) = VIII, Θ (théta) = IX, I (ióta) = X, K (kápa) = XI, Λ (lámabda) = XII, M (my) = XIII, N (ny) = XIV.

Devido à intercalação do livro α (álfa minúsculo) = II, cuja autenticidade era questionada na Antiguidade, entre os livros A (álpha maiúscula) = B (béta) = III, a correspondência entre as letras do alfabeto grego e os números dos livros da *Metafísica* não é a mesma que vemos na *Política* e em outras obras do autor. Em *Aristóteles Metafísica: ensaio introdutório*, v. 1, p. 126-129, Giovanni Reale contesta as alegações dos que ainda contestam essa autenticidade.

As *Referências* ao final de qualquer trabalho, entretanto, seguem as normas da ABNT: autor, obra, tradutor, local de publicação, editora e ano de edição.

Em trabalhos de filosofia, não se pode esquecer de mencionar o nome do tradutor.